

REVISTA LITTERARIA

Publicação semanal

DIRECCÃO DE AMADEU AMARAL E MAXIMO PINHEIRO LIMA

Secretario: — LUIZ CARNEIRO

Collaborada pelas poetisas D. Zalina Rolim e D. Francisca Julia da Silva;
 escriptores e poetas: Escragnolle Doria, Garcia Redondo, Armando Erse, Julio Cesar da Silva, Furtado Filho, Hyppolito de Camargo,
 Candido de Carvalho, Antonio Carlos, Valdomiro da Silveira, Henrique de Barcellos,
 Americo de Campos Sobrinho, Wencesláu de Queiroz, João d'Amaya, Ricardo Moreno, Manoel Viotti, Norberto de Castro, Eduardo Chaves,
 Pinheiro da Cunha, Antonio de Oliveira, Carlos Fernandes, Leonardo Leoni, S. Nunes, Heitor Telles e muitos outros.

Redacção: — RUA LIBERO BADARÓ, 71 e 73

S. Paulo, 31 de Março de 1895.

Problemas a premio

Para poder ser mais desenvolvida esta secção, dal-a-emos neste logar, onde brevemente deverá fazer-me companhia um rececionista de *xadrez*.

Temos, pois, hoje o seguinte:

- 3—2—Animal, animal, animal.
- 3—2—Na Africa, no ar, no céu.
- 1—2—3—Lá não é homem o passarinho na astronomia.

Ao primeiro decifrador: *Brunas*, versos de Antonio de Oliveira.

Offereço agora aos quebra-cabeceistas umas charadas de minha invenção, as charadas-*Revista*:

- 3—No meio do trago é sentimento da estrada de ferro.
- 4—Entre carros retratei os artistas.
- 3—Nos lados do pé e nas pesagens é casa velha.

Resta a explicação. Têm os leitores esta charada: No meio do *pego*, está alegre o abysmo. A decifração, como pôde verificar facilmente, é *perigo*.

Ao primeiro decifrador destas tres ultimas: *Chronicas* e *novellas*, de Olavo Bilac.

Quem decifrar todas, é claro, terá os dois premios, desde que seja o primeiro.

COCISFRAN.

Associação Commercial

Na inauguração ha pouco tempo havida, desta utilissima instituição, todos notaram a elegancia e correccão das casacas, que lá appareceram; sabemos que ellas quasi todas foram feitas no *Chic Paulistano*, alfaiataria á rua da Boa Vista, 50 A.

Governo do Estado

Disseram-nos que o governo do Estado, vae pedir aos fumantes, que só façam uso dos cigarros *Deliciosos* e *Castro Alves*, marca registrada da Charutaria Americana á rua 15 de Novembro, 52; e que este pedido funda-se na analyse procedida no *Laboratorio Chimico*, que os considera os menos nocivos á saúde.

N'um bond de Santa Cecilia, dous amigos:

— Não imaginais como tenho soffrido; minha mulher está com a mania de tocar piano e me atormenta os ouvidos dia e noite, com umas musicas impossiveis!

— Pois a mim não acontece o mesmo; até as musicas executadas pela megéra de minha sogra, me encantam! E queres saber a razão? As musicas lá de casa, só são compradas na Casa Levy.

Si almeja gosar saúde e chegar a ser avô, tome o cognac a que allude o annuncio de hoje: *Marsaud*.

O *Oleina* ganhou a palma elogios a elle não se poupa: limpa as manchas da roupa, e, senhores, tambem as manchas da alma.

Na Charutaria Americana.

O Vasques, a um jacobino que comprava uns magnificos *havanas*.

— Pois você, amigo, que é jacobino dos vermelhos, compra charutos de Havana?

— Bem... — respondeu o outro formalizado — mas eu pedi assim: De-me alguns *bahias*.

Ouviu-se um espirro na Camisaria Especial, em frente.

ANNUNCIOS



Ao Chic Paulistano

ALFAIATARIA ESPECIAL

Oliveira & França

Especialidade em casacas

50 A, Rua da Boa Vista, 50 A



Emprestimos á lavoura

Encarrega-se de levantar empréstimos bancarios a longo praso e juro modico,

JOÃO DE ARRUDA LEITE PENTEADO

3 A, rua da Boa Vista, 3 A

Pelo Dr. Garcia Redondo

CARICIAS

Preço 4\$000

Á venda nas livrarias Garraux, Laemmert e Casa Levy

Dr. Carlos Carneiro de Barros e Azevedo

Advogado

Escritorio e residencia: - Rua da Boa Vista, n. 31

Collegio S. Paulo e Minas

41 Rua da Moóca, 41

Internato e Externato

Director

DIONYSIO CAIO DA FONSECA



Enviam-se prospectos ás pessoas
que solicitarem.

Muniz de Souza

Advogado

Largo da Sé n. 7

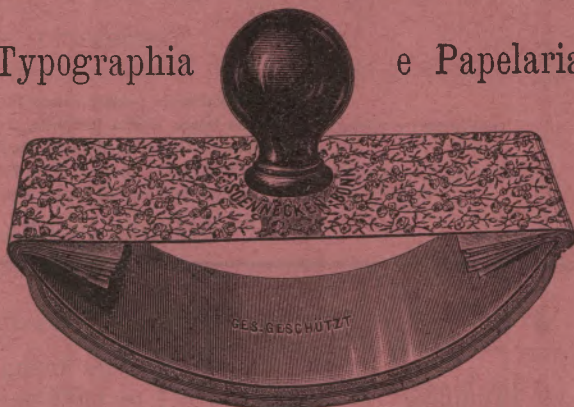
Almanach Historico-Litterario de S. Paulo

A correspondencia deve ser dirigida até Junho a

OSCAR MONTEIRO

3, Travessa Senador Queiroz, 3

Typographia e Papelaria



INDUSTRIAL DE S. PAULO

(O Livro Verde)

Escritorio central: Rua Direita N. 14

Fabrica de livros em branco

Pautação e encadernação

Artigos para escritorio

A NEW-YORK

New York Life Insurance Company

Companhia Americana puramente Mutua de Seguros de Vida
funcionando no Brazil.

FUNDADA EM 1845. 49 ANNOS DE PROSPERIDADE

*Autorisada a funcionar nos Estados-Unidos do Brasil por Decreto N. 9,503 de 3 de
Outubro de 1885.*

Capital, mais de Quinhentos e noventa e quatro mil contos

Renda Annual, mais de Cento e trinta e cinco mil contos de reis

Deposito no Thesouro Nacional, duzentos contos de reis

Informações, Prospectos e Impressos, no Escritorio Central do Sub-Departamento do Brasil

31, Rua do Hospicio, 31 — Rio de Janeiro

ADOLPHO HASSELMANN, Gerente.

Succ. em S. Paulo: 31, RUA 15 DE NOVEMBRO, 31

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL

S. Paulo, 31 de Março de 1895.

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

Secretario: — Luiz Carneiro

SUMMARIO

Chronica	XIXTO LOPES.
Sombra	CARLOS D. FERNANDES.
Amor primeiro	MAXIMO PINHEIRO.
Lied (Catulle Mendés)	M. VIOTTI.
Clara	JACOMINO DEFINE.
Os confrades	BENTO JOÃO.
« Confessions de Riquet	
Platéas	LUDOVICUS.
Despachos	JOB.
Expediente	
Noticias intercaladas	

CHRONICA

O popular Dias Braga encarregou-se de encher toda a semana com o seu *Rocamboles* interminoso.

São os senhores capazes de pensar que neste principio de chronica alguma coisa existe de paradoxo ou de exagero. Mas não. O *Rocamboles* — extraordinario drama em 2 prologos, 15 actos de 30 quadros cada, e 3 epilogs — começou a ser representado no domingo e ainda hoje, sabbado, os espectadores não sahiram do theatro.

Bello!

Ora eu não sei que outras peças a companhia nos dará; sorri-me, porém, a esperanza de ver o *Monte Christo*, os *Crimes de Uma Associação Secreta*, e sobretudo o *D. Sebastião, Rei de Portugal*, peça de comprovadissimos merecimentos historicos e litterarios, e no 13.º acto da qual o grande Dias Braga, na parte de Torquemada, se deixa arrastar até a fogueira inquisitorial de longas chammas, com a mesma calma que lhe estanha o rosto, quando o seu banheiro o conduz ao mergulho, no Boqueirão. Ó valoroso Dias, essa coragem, essa heroica serenidade de quem caminha para a morte, põe negra como um tição a aureola do teu glorioso teteravô Bartholomeu!

E' força confessar, em que m'o levem a mal — eu morro pelo dramasiño; mas por um

drama do Braga acho o morrer coisa pouca e oiço-o de principio a fim.

Eram as minhas boas tenções, quando parti para o Apollo.

Minhas e do Julio. Levamos até farnel, — varias latas de biscoito, uns viradositos, e por pouca firmeza na solicitude e preços do botequim do theatro, levamos tambem uns *portos* e uns *bordeux*. Para os intervalos metti no bolso as *Brumas* do adoravel Antonio d'Oliveira; o Julio muniu-se de lapis, tiras, e o retrato da divina D. Esther.

Embrenhamo-nos pelo *Rocamboles* a dentro. Não descrevo as toilettes ostentadas pela nossa primeira sociedade nos camarotes, nem mesmo posso dizer da enchente. Nada disso vi; eu, quando assisto a dramas, sonho; sonhei durante os cinco dias. Tambem me não posso valer das informações do meu valente companheiro, porque esse . . . dormia.

Assim mesmo, eu a sonhar e elle a dormir fomos dando cabo dos solidos e liquidos, alimenticios e reconfortantes.

Quando os artistas chegaram á taberna no arrabalde, o estomago chamou-me brutalmente á realidade, e tive-lhes inveja. Isto hontem, sexta feira; aguentei ainda com denodo mais não sei quantos actos, até hoje ás oito da manhã. A fome já berrava dentro de mim como as cornetas do quinto. Acordei finalmente o Julio, e com as pernas vergando, indo abaixo constantemente, sahimos para a rua da Boa Vista.

O poeta, confessando-se horriavelmente cansado de tanto dormir, disse que ia para casa, deitar-se um pouco, *descançar*. Eu fui ao almoço.

Na *Revista*, onde cheguei ha meia hora, receberam-me como a um heroe; cheio de parabens e a pular de alegria, o Amadeu fez-me solemne entrega do testamento que eu tinha escripto com o proprio punho, para o que desse e viesse, quando me resolvera a ir ao theatro.

E aqui estou ha trinta minutos, rabiscando a chronica . . .

Ora por fallar de arte com a pequeno, e de artista com accento no a, lembra-me agora um typo, que costuma estar defronte do correio, vendendo uma celebre pasta efficaz para as dores de dente e nodoas da roupa.

Nunca por alli passo que não pare, a vel-o e a admiral-o. O charlatão é um destes bohemios, uma especie de parasita, sem eira nem beira, exprimindo-se sempre numa mistura de linguas inextricavel, e com declaradissima bossa para chamar a si o publico *illustrau* e *respectavel*.

Executa primeiro sortes diabolicas; engole varios nickeis e equilibra uma bengala na ponta dos dedos; pede um lenço a qualquér espectador, corta-o em bocadinhos, e põe-no em seguida melhor e mais novo do que antes era; passa um vintem pelo fundo de um copo, da-lhe sumiço, indo achal-o depois na gola dum basbaque, etc., etc.

E' um louvar a Deus de povo á volta d'elle; uns põem-se em bicos de pés, outros furam, rompem a agglomeração na conquista de logar dianteiro.

Então é que elle puxa da sua pasta milagrosa; restitue a cor natural a uma fita *queimada* pela acção d'um acido; e purifica das manchas sebaceas a aba d'um chapeo velho.

Chamando a attenção do *illustrau*, começa a vender as pastas; é um chover e tilintar de nickeis, que até parece desproposito. Eu benzo-me.

Mas graça, graça, nunca lh'a achei como na sexta feira atrazada. Estava em minha companhia o Alphonsus, chegado essa manhã do Rio no trem de vespera.

O pantomineiro esfalfou-se em prestigidações, povo e mais povo.

— Agora, sinhori, vou-le aprecentar...

E principia empacotando ladrilhosinhos do sabão prodigioso; ninguem compra; na cara do *illustrau* desenha-se uma desconfiança ao mesmo tempo que finoria, medrosa; o homem grita, arranca a boina, pincha para os lados, exhibindo a pasta, repisando-lhe o preço, inventando adjectivos para o publico. Por fim desesperado:

— Mas esto es um pobo porco, estúpido, micerabile. Como? Gasta dinheiro em porqueria e no me compra por ducento reis a limpeza de su dente e de su vestido? Caramba, que és um pobo sujo, immundo!

Eis um que chega, estendendo o nickel, outro quer tres sabões, traz uma nota de quinhentos reis entre os dedos, e o sabio, proseguindo na apostrophe, não tem mãos a medir, atulha os bolsos de dinheiro.

— Bofé! exclama o Alphonsus. Isto é symbolico como todo-los diabos.

XISTO LOPES.

Ultima hora:

Agorinha mesmo (onze da noite, sabbado) chega o Ludovicus do Apollo, a trazer-me o desfecho do drama.

Um desenlace verdadeiramente imprevisto: o Rocambole preso de uma vez, Armando ligado á discipula de pintura, o diabo, nunca pensei. Bato palmas, e pulo de admiração. Comtudo...

— Mas olha, porque diabo não casa o Rocambole? pergunto.

— Hom'essa, com quem?

— Com quem? Pois um biltre daquelles, tão gravemente criminoso, e que se deixa sovar pela Baccarat, que não tem força para lhe vergar o braço... O verdadeiro castigo seria casarem-no com ella!

X. L.

S O M B R A

Impiedosa mulher, por toda a parte
Como o remorso tetrico do crime,
Ha de subtil e horrenda acompanhar-te
A sombra d'este amor, que me comprime

O coração! Nas horas de tristeza
E de saudades e de maguas, quando
Estiveres carpindo, has de, surpresa,
Vel-a, sinistra e muda, resvalando

Na tua alcova; e pallida e medrosa,
Como uma estatua, de terrores fria,
Has de cahir, exanime e chorosa,
Numa inquieta e profunda lethargia...

Verás em forma de agoureiros mochos,
Pavorosos, terrificos, medonhos,
Aproximar-se nuns meandros frouxos
Um bando negro de horrorosos sonhos!

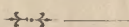
E, ao despertares desvairada e louca,
Verás a sombra, que um esquife arrasta,
Collar num beijo a cavernosa bocca
Na tua bocca perfumosa e casta;

E, apos, abrindo o feretro mortuario,
Dentro mostrar-te arrouxicado, exangue,
Meu coração, envolto num sudario,
A desfazer-se em lagrimas de sangue.

CARLOS D. FERNANDES.

Promettemos no numero passado encetar com este a publicação duma interessante serie de artigos sobre o «decadismo», firmada por conhecido homem de lettras. Por culpa do autor, que se descuidou, fica adiada para o numero proximo a realisação da promessa.

AMOR PRIMEIRO



Estavamos no *Londres* havia já bastante tempo, a aborrecer-nos fingindo que nos divertíamos, a fallar mal da vida alheia, contando aneddotas sedicças, fazendo desenxabidos trocadilhos e tragando a pequenos goles um cognac ordinario, que nos escaldava a garganta e entorpecia a cabeça.

Não se mais ouvia o rumor dos carros e os transeuntes eram raros. Os caixeiros, bocejando, esperavam que nos retirássemos, nós os poucos freguezes daquella hora: dois actores, dois estudantes, um official de ronda e mais um amarellentos typos que vivem essa vida nocturna das grandes cidades.

Os musicos, tres, de olhos esboghados, espreguiçaram-se, e tomando os instrumentos, que jaziam encostados á mesa, — tristes, tiraram languidamente da velha harpa, da desafinada flauta e da estridente rabeca, o *intermezzo* da *Cavalleria Rusticana*; e mesmo assim a composição de Mascagni era esplendidamente suave.

Todos abstractos; só eu notei a commoção que sentiu o Alberto ao começar a musica: era a segunda vez que tal acontecia; a primeira fôra dias antes, no salão dos concertos da *Paulicéa*, onde juntos conversávamos com alegria, quando a orchestra executou o mesmo *intermezzo*, e elle se tornou mais pallido do que sempre, emmudeceu e disfarçadamente enxugou com o lenço duas lagrimas que lhe surgiram entre os cilios.

Antigo companheiro de estudos e de casa, amigo verdadeiro do Alberto, não tinha segredos para elle e parecia que os não tinha elle para mim. Chegados á casa, não havia dado uma palavra desde que se despedira dos companheiros do *Londres*, elle, tão loquaz, tão prazenteiro!; encaminhou-se para o seu quarto, quando costumava vir para o meu, ou para conversarmos até o canto do gallo, ou para trabalharmos na traducção de um livro, que fazíamos junto.

— Não vens hoje?

— E' tarde. Sinto-me adoentado.

— Temos vinho do Porto, disse-lhe em voz alta, e *Cavalleria*...

O rapaz voltou-se, e agarrando-me nervosamente o braço, tartamudeou:

— Tu sabes?

— Nada. Mas quero saber.

— E deves. Perdoa-me ter-te occultado ca esta historia.

E entramos no meu quarto, deixando o patamar da escada e a luz vacillante e amarella dum bico de gaz. Recostado a cama, eu,

e, ora deitado á rede, ora passeando, agitado, fumando sempre, o Alberto narrou-me:

— Sabes como sou tido pela familia de meu tio: como um estroina de marca. Nem tanto: sou apenas um insociavel que prefere aos salões burguezes, com os seus jogos de prendas e *soireés*, as mesinhas dos cafés, dos chops, e... — porque não dizer? — ás vezes, as orgias do lupanares. Meu primo Jorge, que conheces, feminil e affeito ás convenções da sociedade, no intuito sincero de me pôr no *bom caminho*, como diz meu tio, lembrou-se de começar pelo 1.º de janeiro deste anno, ha tres mezes, levando-me quasi arrastado aos comprimentos do Anno-Bom em casas conhecidas nossas. E, com todos os diabos, para encurtar, — apaixonei-me loucamente pela Adelia, a filha do commendador, a unica que até hoje conseguiu que, entre muitas maluquices, me fizesse passar-lhe pela casa cinco, seis vezes por dia e que me fez escrever os meus primeiros e unicos versos, como primeiro e unico foi esse amor.

— Ahn... Mas a *Cavalleria*?

— Entre as muitas prendas da menina, está o piano. Toca admiravelmente! E no dia em que a vi pela primeira vez, assim como nos outros, tocava divinamente aquella maldita musica.

— Ah!

— Durou pouco esse amor: oito dias. Fim-dos esses, Adelia foi pedida por um medico, um brutamontes, mas *doutor* e... rico. Casaram-se.

E o Alberto, cruzando os braços deante de mim, acabou:

— Pois, meu charo, não me caso mais. É um juramento.

— Pois sim...

— Juro! Si algum dia infingir a palavra, publique esta historia toda, sem occultar nomes.

— Serei inexoravel. Olha, o titulo do conto será *Primeiro Amor*.

— Não. Bota *Amor Primeiro*. Que é mais artistico! E boa noite.

* * *

Deu-se isto em março do anno passado. Escrevo estas regras no mesmo quarto, onde me parece ver ainda a figura acabrunhada do meu bom amigo, que ha seis mezes reside em Pernambuco.

E sobre a mesa, que fortes murros supportou na memoravel noite, descarregados no instante solemne do juramento, repousa, muito *chic*, a participação do seu casamento com d. Gabriella de Oliveira Gomes.

MAXIMO PINHEIRO.

LIBO

(Ao Exmo. Dr. Veiga Filho)

(Cattule Mendés).

I

Ao campo, na colheita
De morangos, affeita,
Enche Bertha o avental,
No mez vernal.

Deusas de finos talhos
Viam-n'a dentre os galhos
De uma doçura tam sã,
Como uma irmã.

Na loucoura das rixas
Passa o bando das Nixas,
Elfos de *verves* finas,
Bellas Ondinas.

II

E dice um Elfo: « Bertha,
Longe, na alfombra certa,
Ha num bello carreiro
Um morangueiro. »

Um Elfo traz gravata
Fina e a barba, e bravata
Qual maráu escudeiro,
Mui prazanteiro.

— « Carrega-me, diz Bertha,
Longe, na alfombra certa,
La no bello carreiro
Do morangueiro. »

III

Agora, como louca,
Bertha corre. — « Tua bocca
Que morango adoravel »,
Torna-lhe amavel.

« Beijos! morangos roseos
Nesses teus labios cose-os
Para que possas haurir
Grato elixir. » —

— « Pois seja assim, diz Bertha,
Jamais a alfombra certa
E em paz no seu carreiro
O morangueiro... »

(Philoméla).

M. VIOTTI.

Mais um collega: apparecerá, dizem que logo, um hebdomadario academico, organ dos rapazes da Faculdade. Ja não era sem tempo — e venha logo aos nossos braços.

Damos hoje um conto de Jacomino Define, um rapaz estudioso e intelligente, que é com certeza ainda desconhecido do leitor.

Inauguramos, pois, muito bem a nova secção *Os novos*.

OS NOVOS

CLARA

Dia nublado e fresco. O céu estava marchetado de nuvens, umas carregadas, negras, semelhantes ao fumo de um incendio invisivel e colossal, outras alvissimas, offuscantes, como grandes blocos de neve ou montanhas de espuma deslumbrante, pairando mollemente na atmospheria. Entre as nuvens viam-se largos e lindos trechos de céu azulino, diaphano, purissimo, por onde a vista deslisava e se espreguiçava num abandono suave, agradável, voluptuoso. E o sol, de longe em longe, surgia dentre as nuvens, pondo uma grande nota rubra na immensa abobada mosqueada e dardejando o azorrhague caustico de seus raios flammivomos.

Na rua da Gloria, na sala de sua elegante e graciosa casinha, estava a bella Clara, pensativa e absorta, reclinada numa cadeira de balanço. Distrahida, negligentemente Clara começou a lembrar factos, trechos da sua existencia e pouco a pouco interessada, attrahida, queria recordar toda a sua vida e reconstruía mentalmente o seu passado, via-o desfilar, perpassar-lhe no cerebro, ora em quadros vagos, incompletos, indefinidos, ora em quadros nitidos, accentuados, vivos.

Via a sua infancia, mas vagamente, como um painel muito longinquo e remoto, confundido, baralhado pela distancia, semi-apagado, esfrolado, gasto pelo tempo e que ella não podia ver bem, mas no qual percebia alguma cousa de angelico e delicioso, um viver purissimo, descuidado, e immensamente feliz.

Depois via a sua ditosa mocidade de donzella, cheia de ventura, esperanças sorridentes, illusões fagueiras e salpicada de pequenas maguas, mas em geral placidamente decorrida la na boa casa paterna, no seio da sua familia, que a adorava, entre as suas amigas queridas, no meio de affeições puras e grandes, rodeada de prazeres, de mimos, de carinhos...

Em seguida ia reconstruindo e vendo essa epocha mais minuciosamente, com os seu principaes detalhes, esperanças e ideaes. Oh! era muito feliz então! comtudo ella idealisava e desejava um futuro diverso, ainda melhor, um porvir de amor, de idyllio, de venturas novas e ideaes esplendidos, cujo principal era o casamento.

O seu ideal esposo quasi que não existia, era apenas um reflexo, uma imagem mixta e confusa dos heróes phantasticos e predilectos dos romances que lera; era um ideal vago, ondulante, indefinido, com tendencias elevadas

e esplendidas, mas indeciso, variavel, considerado quasi impossivel e apenas acariciado como um devaneio inoffensivo e aprazivel.

Mas a vida conjugal, idealisava-a apaixonada, optimistamente, atravez do prisma de suas illusões, esperanças e phantasias. Imaginava-a uma existencia em que se sentisse melhor, mais completa, mais satisfeita, um viver que contentasse o seu tropel de sonhos, desejos, vagas e lindas esperanças de amor e prazeres — todo o balbucio do seu coração e dos sentidos; um viver que começasse com as delicias da lua de mel e continuasse esplendidamente, tornando-a venturosa com o seu esposo, num estado perfeito e delicioso, no auge da felicidade...

Depois de recordar esses ideaes passados, Clara entristecida engolfava-se mais nas suas recordações e continuava a rever o seu passado.

Revia as suas indefinidas tristezas, os seus accessos de tédio, de vaga nostalgia do além, uma multidão de pequenas e ephemerhas maguas que levemente nublavam o azul de sua felicidade, como as rapidas nuvens que atravessam o horisonte mal toldando o limpido céo e deixando após si o azul... o azul... sómente o azul...

Depois recordava diversões, passeios, palestras, namoros, impressões varias, ideaes e pensamentos de rentão, alegrias e contrariedades, emfim, uma infinidade de detalhes, minudencias, alguns ligados, outro relacionados, distantes, esparsos, surgindo irregulares a esmo, átôa...

E percorrendo assim o seu passado, Clara ia tocar no seu casamento e ia evocando-o:

Jorge Dias, joven e abastado negociante, começou a frequentar a sua casa, namorando-a. Ella não o repelliu, accitou-lhe a côrte satisfeita, tacitamente, não sentindo por elle paixão violenta mas bastante sympathia mesclada da ternura e da satisfação de mulher amada.

O tempo e a convivencia foram augmentando o affectos dos dois jovens e ao cabo de dois mezes Jorge pedia Clara em casamento e ella accedia. Clara accedia porque ja estimava Jorge e esperava que elle seria um esposo extremo, excellente, ideal.

Mas accedia principalmente pelo desejo, pelo anhele ardente de um estado novo, de uma vida differente e longamente desejada; accedia porque Jorge ia conduzir-a ao estado almejado, dar-lhe essa vida conjugal esplendidamente sonhada.

Fixado o casamento, começou a ditosa vida de noivado, plena de alegria, anciedade e prazer estonteante, com esse prelibar do gozo que é o melhor de todas as sensações.

Assim decorreu um mez, no fim do qual effectuava-se o casamento.

Na igreja, Clara, jubilosa, commovida e linda, trajando a sua bella toilette de noiva, que lhe dava um *que* de excelso, celeste e arrebatador — no meio do aparato grave e imponente do templo, rodeada de espessa multidão, envolta em ondas de musica e de perfume e engrandecida, como que aureolada de felicidade, ella recebia a benção nupcial, a sagração de sua felicidade e perpassava pelo templo nessa apothese esplendida, entrando assim, esperançosa, triumphal, mirificamente no futuro almejado, no paraíso dos seus sonhos, onde ella esperava ser feliz... feliz... indizivelmente feliz...

O final dessa recordação repercutiu-lhe na alma dolorosamente, despertando-a, constringendo-a dolorosamente, ferindo o seu ideal, os seus desejos, todo o seu temperamento.

E o esposo, que a principio parecia satisfazel-a e agradal-a, depois que convivía com elle, o conhecia intimamente e o possuía, não o julgava mais assim e foi sentindo por elle uma mudança de sentimentos, um frouxear de affecto, um começo de desprendimento e de desillusão.

O seu affecto por elle foi diminuindo e transformando-se num mixto confuso de saciedade, indifferença, cansaço e aborrecimento.

E assim foram falhando, ficando irrealizadas as suas doces esperanças e vieram as dolorosas desillusões, as pungentes decepções, a destruição do seu castello ideal de felicidade, esphacellado aos golpes brutaes e absolutos dos factos, da implacavel realidade.

Por isso, Clara foi sentindo, primeiramente uma dissidencia, depois um tédio, um desgosto dessa vida e ia arrastando-a resignada, mas triste, nostalgica, dolentemente...

E refugiava-se expontaneamente nas suas doces recordações, lembrava e comparava com o presente o seu ditoso passado, essa quadra juvenil e esperançosa, toda essa esplendida primavera da existencia com a sua luxuriante floração de vida e de illusões. E oh! como ella achava melhor esse passado! e sentia delle uma grande saudade, uma nostalgia infinita, que mais a torturava e lhe augmentava o desgosto do presente.

Entretanto, por vezes, no meio da decepção, desprendimento e desgosto do matrimonio, no meio de todas as suas desillusões, de toda essa *débaçle* moral, scintillava-lhe no cerebro, involuntaria, inconscientemente, como uma produção expontanea e fatal, a idéa do adulterio.

Mas immediatamente, sem dicutil-a, repelli essa idéa horrivel, numa revolta violenta de toda a sua honestidade, numa repugnancia instinctiva de todo o seu ser.

Em seguida, attrahida, embora achando o adulterio infimo e aviltante, começava a imaginá-lo e apparecia-lhe uma visão horrenda e tragica: via-se adúltera, conspurcada, perdida e o seu marido, terrivel, hallucinado de colera e de dor, saciando-se no sangue della e do amante, em grandes borbotões de sangue... E repellia essa visão atroz, sentindo um grande fremito de horror e de medo. Mas a idéa lobrega sumia e tornava apparecer, surgindo frequentemente e, pouco a pouco, já não era fugaz, era uma idéa constante, tenaz, persistente, que se lhe ia agarrando ao cerebro e nelle se implantava.

Esse pensamento ia desenvolvendo-se e fixando-se; ella ia familiarisando-se com elle e attrahida, fascinada, começava a fixar-se nelle e, com a sua sede de illusões e felicidade, ia imaginando o estado adulterino optimistamente, ia idealisando-o como um estado melhor e romanesco, repleto de gosos exquisitos, violentos, entontecedores: um viver de amor, feerico, um amante apaixonado, idolatra, querido e espaços de venturas ineffaveis, ignotas e immensamente deliciosas... Mas quando pensava em realisar isso, sentia no fundo toda a objecção do acto e tinha a mesma visão de infamia e de tragedia e o mesmo impeto de repulsão e de temor. Mas a ambição dessas venturas, o desejo desse ideal nascia e desenvolvia-se vigorosamente, excitado, vergastado pelos obstaculos: era o crime latente, a surda germinação do vicio, o embrião hediondo e fatal do crime. Esse desejo turbilhonava-lhe no cerebro, torturava-a; ella procurava arrancar-o definitivamente, mas elle voltava mais violento, firme dominador, fortalecido e exasperado pelos impecilhos. E ella, fascinada por esse desejo, como que predisposta para o crime, já não o encarava sob o aspecto repugnante e começava a achá-lo realisavel, porque seu marido nada saberia, não haveria scenas sangrentas, e ella, felizmente, teria um amante e todo esse estado melhor, esplendido, repleto de prazeres ardentes e loucamente idealisados e anhelados... E então nascia-lhe um começo de revolta, começava a acceitar o crime e resolvía realisá-lo.

Clara, entediada, desgostosa da sua vida conjugal, moralmente separada do seu esposo, tinha uma vontade intensa e progressiva de realisar esse ideal, que se tornara a sua idéa fixa, indiscutivel e destruiu todos os obstaculos, ficando dominante, inabalavel, irresistivel; sentia essa necessidade ardente de prazeres loucos, queria o amor vedado.

E assim se foi desenvolvendo essa paixão, essa lenta geração do crime até o estado agudo e incoercivel, levando Clara até a plena e fatal queda da deshonna, a entrega brutal, o en-

lace abjecto, criminoso, a falta empestada e nefanda do adulterio, lançando-a nessa voragem, nesse abysmo pavoroso do crime, onde ha o ultimo aviltamento, a lama indelevel da perdição e o pungir certo, medonho e lancinante da Desgraça...

JACOMINO DEFINE.

OS CONFRADES

O Popular de Taubaté, disse a 27:

« Temos sobre a mesa o n. 7 da magnifica « Revista Litteraria », que se publica semanalmente em S. Paulo; e o n. 77 da bem feita revista fluminense a « Semana ».

Parece-nos que não erramos dizendo que a primeira é a melhor, no genero, do nosso Estado e a segunda a melhor da Capital Federal. »

Oh, collega, quanta bondade...

Mas nós não conhecemos outra folha deste genero ca no Estado. Estamos enganados?

* * *

Recebemos o n. 77 d' *A Semana*, a egregia collega, e temos a agradecer-lhe a recepção gentil da *Revista* n. 6, e igualmente a transcripção do soneto *Egypto*, de d. Francisca Julia da Silva, uma das primeiras poetisas destes brazis — e nossa collaboradora.

* * *

Recebemos, pela primeira vez, *O Pão* da Padaria Espiritual do Ceará: levedado a primor este decimo segundo. Toquem, rapazes!

* * *

Tambem recebemos, — pouco regularmente, sim — *D. Quixote*, *Revista Illustrada* e *O Pharol*, do Rio; *Minas Geraes*, de Ouro Preto; *Republica*, de Florianapolis, a quem agradecemos a visita honrosa; *Popular e Jornal do Povo*, de Taubaté; *Tribuna do Povo*, *Santos Commercial* e *A Luva*, de Santos; *Ordem e Progresso*, de S. Carlos; *A Miniatura*, do Amparo; *O Ensaio*, bonita folha do collegio Santa Thereza, de Pindamonhangaba; *The Rio News*, a quem agradecemos a noticia que deu a nosso respeito; *A Lanterna*, de Porto Alegre; *Correio do Sertão*, de Jaboticabal; e outros, que não nos occorrem.

* * *

Pela bocca risonha de Fabricio Pierrot, *O Commercio de S. Paulo* offereceu-nos « as pazes ». Aceitamol-as de bom grado, mesmo porque entre nós jamais houve guerra, mas unicamente um pacifico rompimento de relações.

E para provar que as aceitamos de bom grado, na primeira occasião azada havemos de estreitar num amplexo fraternal o sr. Cesar Ribeiro, arrostando heroicamente com a represa bojante das suas impertinencias, promptas sempre a saltar num impeto tremendo!

Eis as lisonjeiras palavras de Pierrot:

« Amadeu Amaral e Pinheiro Lima declararam-nos, domingo, que a sua bella *Revista*, maguada comnosco, não nos visitaria mais, a nós, que tanto a queremos!

Pois bem; neste momento solemmnissimo, eu, encasacado e enluvado, cumprimento respeitosa e galante e espirituosa menina, pedindo-lhe que faça as pazes com a luzida rapaziada cá de casa, que sempre a teve em muita consideração.

Esperando ser attendido, protesto-lhe desde já o meu eterno reconhecimento, beijando as suas mãos sinhas de fidalga. »

* * *

O nosso estimado *Popular*, pelos modos, zangou-se com a gente. Até quinta-feira não noticiou a recepção da *Revista*, que pressurosos fomos levar-lhe na segunda...

* * *

De Porto Alegre chega-nos agora o *Mecenas*, uma bella publicação quinzenal dirigida por Andrade Neves Netto, com oito paginas cheias de prosa e verso de escriptores riograndenses.

E' uma folha feita á moderna, bem trabalhada em todos os sentidos. BENTO JOÃO.

“CONFESSIONS DE RIQUET”

POR
HENRI ALLAIS

Em nosso ultimo numero citamos, entre os livros dignos de attenção, apparecidos recentemente em Pariz, as *Confessions de Riquet*.

Como ainda não tivemos tempo de lè-lo, limitamo-nos a reproduzir, resumidamente, o que sobre elle escreveu Francisque Sarcey na *Revue Illustrée*.

Allais ja é bastante conhecido desde que escreveu a *Tantine*, um pequeno romance.

Este ultimo volume compõe-se de diversas novellas, das quaes a primeira, que é a mais importante, é que lhe dá o titulo.

Riquet tinha treze annos quando se feriu a guerra de 1870. As lembranças de então lhe vêm á memoria, e elle conta-nos, singelamente, as impressões por que passou. Sua avó, que a esse tempo habitava Villiers-Ecole, perto de Rouen, tinha por creada de quarto uma tal Brigitte, cujos braços — Riquet lembra-se bem — elle olhava com avidez e e cubiça. Esta Brigitte era filha de Fructueux Wasseur, velho soldado que pelejou nas guerras do Imperio, e a quem o imperador condecorou por suas proprias mãos. Fructueux gostava de contar as suas façanhas e Riquet de ouvi-las.

E Riquet, ouvindo-o fallar, gesticular com colera, altivo, nobre, via nelle, com respeito, um

d'esses velhos soldados que só ha nas lendas da cavallaria.

O que ha neste livro de delicioso, diz Sarcey, é ver, atravez da imaginação d'este menino, as scenas de ruinas, de terror e de desolação a que elle assistiu.

A esse tempo, a guerra se vae avisinhando cada vez mais, até que o inimigo toma, enfim, posse de Rouen.

Um velho soldado prussiano vem hospedar-se em casa da avó de Riquet. Brigitte deixa-se seduzir, aos poucos, pelas graças tudescas do militar.

Ha aqui um pequeno romance sentimental, antes advinhado que entrevisto, que o autor indica apenas com uma delicadissima discrição de toque.

Fructueux, porem, que não soube da aventura, dispõe-se a passear, um dia, ante as sentinellas prussianas, e lhes exhibe a sua cruz que tinha pendente ao peito.

«A esta loucura, conta Riquet, o sangue refluiu-me ao coração, as pernas tremeram-me.»

O official ergueu a cabeça, levantou as sobran celhas e fez parar, de um gesto, as sentinellas, que acudiram.

Pronunciou algumas palavras, breves, e todos, em linha de batalha, com os calcanhares unidos, levaram a mão ao capacete, enquanto seu chefe saudava meu velho amigo, com um inclinação respeitosa e extra-regulamentar, no meio de um silencio. Articulou, lamentosamente, um vago: *Bon Dieu e vrai Dieu!* e nós batemos em retirada, elle titubeante e tropeçando nas pedras do caminho, eu atordoado de gloria, de espanto e de enternecimento.»

Aqui a historia a acaba.

Ha ainda outras novellas de menos importancia. Entretanto ainda ha uma, *Canivet*, onde se encontra a ironia feroz e aguda que é tão familiar a Guy de Maupassant.

PLATEÁS

São José — Lyrico.

Apollo — Dias Braga.

Polytheama — Fechado.

O calor que nos tem torturado nestes ultimos dias, obrigando-nos a fazer tantas visitas ao Schorcht e á *Paulicéa* quantos os nickeis de que podemos dispôr com os sorvetes e chops, tambem é a causa da preguiça com que estava hoje, ao pretender começar a minha chronica dos theatros.

Quando vinha para a redacção da *Revista*, passando pela rua 15 e tendo ao meu lado o velho amigo e compadre Randolpho Seixas, encontrei cahida no *trottoir*, em frente á *D. Juanita*, uma carta dirigida á... (Que mal faz esta indiscrição?) Mlle. Beatriz Gomes.

O envelope estava ja rasgado e eu, mesmo ouvindo os protestos do sisudissimo Randolpho, oh! tentação! não pude deixar de abrir a carta que, perfumada de heliotropo, bem denunciava ja ter sido escondida entre os brancos seios da gentil Mlle. Beatriz Gomes... (Mais tarde o leitor saberá porque eu digo que são brancos os seios de mlle).

Li-a d'um folego; quem a assignava era um Raul, enamorado pelos encantos de Mademoiselle

que, como resa a epistola amorosa, é tão branca e tão loura qual açucena que, ao cahir da tarde, o sol envolve com seus dourados raios... (A imagem é do correspondente; não é minha, não acreditem. — Está assim explicada a côr dos seios de Beatriz).

Emfim, na missiva, o snr. Raul, com um pieguismo louco e digno de um *Romeu* gracioso, conta á Ella o que fez durante toda uma semana, desd'a ultima quinta-feira... (*) O namorado, que me parece bem divertido, narra á sua bella cousas que não posso absolutamente mencionar ás leitoras e muito menos aos senhores marmanjos; foi, a pretexto de ouvir a *Traviata*, e esperando encontrá-la nalgum camarote da 2.^a ordem, que assistiu no Appollo á 1.^a representação do *Rocambole* e a 2.^a dos *Mysterios do Carnaval*...

Conta-lhe muitas cousas mais; entretanto, como esta secção não é propria para registro de declarações amorosas, explico aos leitores o motivo que me levou a fallar d'estas columnas de onde se batem palmas á Arte e se pateiam os pataqueiros, sobre a carta dirigida á Menina Beatriz.

Ao principiar esta chronica disse eu que tinha pouca vontade de escrevel-a, quando, mesmo com os protestos do serfissimo Randolpho, commetti o crime de lêr o que diziam *dezeseis* paginas de papel encontradas dentro d'um enveloppe ja aberto.

Lida a carta até o fim — fui de coragem, pois não?! — resolvi publicar os topicos em que Raul se referia ás representações...

E como desejo logo me vêr livre da incumbencia de não faltar hoje com as *Platéas* para a *Revista* de domingo, transcrevo em seguida o que o esperançoso *Romeu* diz á sua namorada sobre os espectaculos a que assistiu.

«.....As nove horas tomei meu logar entre os *habitúes* do São José, triste por não Te vêr entre amoças que, de seus camarotes, assestavam os binoculos de tartaruga e madreperola sobre a scena, acompanhando com delicia as passagens desse poema de tristeza e de amor. Como não estavas no theatro prestei toda a minha attenção ao desempenho da *Traviata*, especialmente ao papel de *Violeta*, em que fazia sua estreia a *prima donna*, soprano-ligeiro, Maria Tescher.

A Tescher como mulher é encantadora, loura, e gentil.... como Tu (confesso-Te isso mas não Te zangues comigo nem cries odio á Maria pela comparação que faço). Como artista é uma verdadeira artista: tem uma voz delicada, doce, porém extensa e fresca. A *Traviata* feita por ella foi uma *Traviata* capaz de arrebatá o coração mais crú... E, por isso, quando ella merecia os applausos que desencadeando-se das torrinhãs vinham confundir-se com os da platéa, vi muita menina e muito rapaz a esconder com o lenço de cambraia fina os olhos que não sabiam mentir... Finalmente, minha querida, a Tescher é uma artista que sabe ser cantora e sabe ser actriz... e tambem ser bella (o que talvez foi a causa que influiu para que o Teu Raul, tão só no São José, ficasse até o final da representação).

Não quero que julgues que só a Tescher foi applaudida; seria mentir: o Athos e o Elias acompanharam-na bem, e até a orchestra e os côros, que Tu classifcas de infames, chegaram a fazer boa figura.

(*) A semana tem sete dias: para mim pouco importa que ella comece segunda-feira para terminar domingo ou, como mais me convem, que seja de quinta a quinta-feira.

No Appollo, assisti a 1.^a do *Rocambole* e a 2.^a dos *Mysterios do Carnaval*. Sómente Te aviso que não fosse ser a companhia do Dias Braga que se encoraja a representar esses dramalhões, onde brilham punhaes assassinos e em que sempre o Amor sae victorioso—como nós desejamos que saia conosco—não se poderia assistil-os.

Como os artistas da troupe do Recreio são os unicos que, nesses dramalhões *papoulas*, dão vida aos monumentaes papeis, registrem-se os nomes dos irmãos Braga, do Ferreira, do Rangel, da Delorme, da Adelaide Coutinho e da Maggioli, que bem mereceram os meus applausos.

E, filha, qualquer dia espero encontrar-Te no Appollo, assistindo o *Conde de Monte Christo*.

E ja que a chronica está prompta participo ao Guerra que o Minino está de viagem e eu não lhe posso dizer nada da historia promettida e que estou com a garganta secca e... a Paulicéa está proxima.

LUDOVICUS.

XXVIII — III — XCV.

Despachos

Snr. A. G. — Desculpe, mas o seu conto é fraco.

Snr. R. N. — Obrigadissimos pelo elogio. Quanto á sua poesia — va bugiar.

Snr. J. D. — Os *Contos de minha terra* sahirão só por estes dois mezes.

Snr. M. C. P. — Que fazer, meu amigo? A gente para remetter jornaes pelo correio precisa dar tratos á bola, a ver si descobre um estratagemã para que não *suspendam* o que se poz á guarda duma repartição publica!!

E' dar queixas ao bispo...

Snr. R. Satyro. — Bonitinhos os seus versos, muito bonitinhos. Mas têm um defeito, amigo: choramingas a valer, choramingas á Casimiro de Abreu, proprios para serem recitadas ao piano, em familia, com enternecimento na voz, ao ouvido attento de mocinhas commovidas. Portanto, indifferido.

Snr. Michaelis Pereira. — No proximo numero sahirão os seus versos, seu grandissimo... *nephelibata*!

Snr. dr. L. de T., Casa Branca. — Já providenciamos sobre o que pede. Mas a culpa não é com certeza nossa, e sim do correio. Obrigados pelo adjetivo. JOB.

EXPEDIENTE

A serviço desta folha, seguiu na quinta-feira para o interior nosso companheiro José Maximo Pinheiro Lima, que deverá estar de volta dentro de 15 dias.

São considerados assignantes todos os que não nos devolveram até agora o jornal, tendo-o recebido.

Está encarregado de varios negocios relativos á parte administrativa d'esta folha o snr. Alfredo Carneiro, moço diligente e merecedor de toda a confiança.

O snr. Juvenal Amaral, um dos proprietarios da Agencia Jornalística, á rua de S. Bento, tambem está encarregado de negocios relativos á propaganda desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua Libero Badaró, 71-73.

Impresso na Typographia Industrial de S. Paulo
Editora: Typographia Paulista.

Vinhos
ESPECIAES da
VINICOLA CONFIANÇA
PACHECO IRMÃOS
PORTO

DEPOSITO EXCLUSIVO
EM S. PAULO
 17 - Rua da Boa Vista - 17

FABRICA
PRIMEIRA
PHOSPHOROS DE SEGURANCA
MARCA DA FABRICA
1889.
PARIS
COMPANHIA INDUSTRIAL DE S. PAULO
ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Dr. Honorio Libero
 Medico e Parteiro
 Consultas das 9 ás 11 da manhã
 Rua de S. Bento, 18

COGNAC MARSAUD

UNICOS IMPORTADORES
F. J. PIMENTEL & C. IA

Rua da Estação, 51-A SÃO PAULO

Etie Ducoux
 MASSEUR
 Applicações de massagens sob
 indicação medica.
RECADO A PHARMACIA ANDRADE
 Rua de S. Bento, 10 A

Pierre Labourdene
 Ste. Julia
 Especialista em hernias e bocios
CURAS GARANTIDAS
 Rua de S. Bento, 10 A
 Da 1 ás 3 da tarde

Dr. M. P. de Siqueira Campos

Advogado

Tem o seu escriptorio á rua 15 de Novembro n. 37
Sobrado

Julio Cesar da Silva

E

Miguel Luso da Silva

ADVOGADOS

54, Rua de São Bento, 54

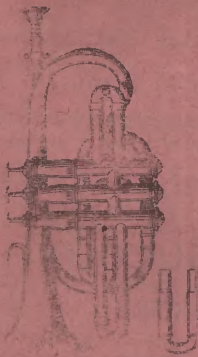
Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida

Advogado

Incumbe-se de appellações e causas
criminaes

10 — Travessa dos Guayanazes — 10

Casa Levy



INSTRUMENTOS

PARA

BANDAS

dos melhores

⇒ AUCTORES

CASA LEVY

33 - Rua 15 de Novembro - 33

BRUMAS

Versos de Antonio de Oliveira

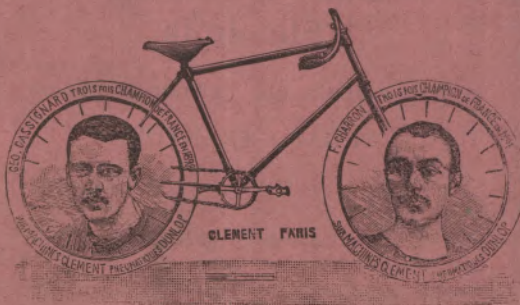
Já se acham á venda nesta cidade

Bicyclettes Clément

DEPOSITO OFFICIAL NA

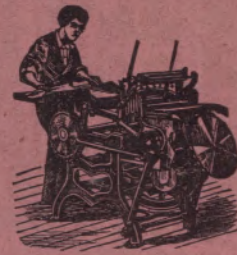
CASA LEVY

33 — RUA 15 DE NOVEMBRO — 33



Typographia Paulista

Casa Editora



Grandes officinas a vapor

de

Pautação, encadernação e douração

Objectos de escriptorio — Carimbos de
borracha

Grande deposito de saccos de papel

Rua Libero Badaró, ns. 71 e 73

S. PAULO

Charutaria Americana

José Caruso

52 — Rua 15 de Novembro — 52

Os especiaes cigarros

Deliciosos e Castro Alves

manufatura da casa

SELLOS

PARA

COLLECCÕES

Legitimos



Legitimos

Enorme quantidade para escolha!

CASA LEVY

33 — Rua 15 de Novembro — 33